



ESPORTE E POLÍTICA EXTERNA EM CUBA NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980

Sport and foreign policy in Cuba in the 1970s and 1980s

**Deporte y política exterior en Cuba en las décadas
de 1970 y 1980**

Renato Beschizza Valentin¹

Resumo:

O presente artigo contém uma análise acerca do papel desempenhado pelo esporte na política externa cubana durante as décadas de 1970 e 1980. A reconstrução histórica dos nexos entre esporte e política externa em Cuba foi formulada com base nos resultados de um trabalho de investigação e análise junto aos documentos outrora secretos do governo dos Estados Unidos. Durante o recorte histórico deste artigo, o intercâmbio esportivo cubano incluiu o envio e o recebimento de equipes e delegações esportivas, a formação de especialistas esportivos estrangeiros dentro de Cuba, o aumento da presença de treinadores estrangeiros atuando no esporte cubano, o envio de treinadores cubanos para o exterior, e a construção de infraestrutura esportiva em outros países do Terceiro Mundo.

Palavras-chave: Esporte. Política externa. Revolução Cubana.

Abstract:

The present article contains an analysis of the role played by sport in Cuban foreign policy during the 1970s and 1980s. The historical reconstruction of the nexuses between sport and foreign policy in Cuba was formulated on the basis of the results of an investigation and analysis of previously secret documents of the United States government. During the historical period of this article, the Cuban sports exchange included the sending and receiving sports teams and delegations, the training of foreign sports specialists within Cuba, the increasing presence of coaches from socialist countries working in Cuban sport, the

sending of Cuban coaches abroad, and the construction of sports infrastructure in other Third World countries.

Keywords: Sport. Foreign policy. Cuban revolution.

Resumen:

El presente artículo contiene un análisis acerca del papel desarrollado por el deporte en la política externa cubana durante las décadas de 1970 y 1980. A reconstrução histórica dos nexos entre el deporte y la política externa en Cuba foi formulada com base nos resultados de un trabajo de investigación y análisis junto aos documentos outrora secretos do governador dos Estados Unidos. Durante el recorte histórico de este artículo, el intercambio deportivo cubano incluyó o envío e o recebimento de equipos e delegações deportivas, a formação de especialistas deportivos estrangeiros dentro de Cuba, o aumento da presença de treinadores estrangeiros atuando no esporte cubano, o envio de treinadores cubanos para El exterior y la construcción de infraestructura deportiva en otros países. del Tercer Mundo.

Palabras clave: Deporte. Política exterior. Revolución Cubana.

Introdução

Este artigo abrange as descobertas e análises que realizamos acerca das conexões entre o fenômeno esportivo e a política externa do governo cubano entre as décadas de 1970 e 1980, através da pesquisa junto aos documentos outrora secretos do governo dos Estados Unidos, mas que atualmente encontram-se à disposição no acervo digital da *Central Intelligence Agency* (CIA), além de outros acervos digitais. Estamos falando de um conjunto de documentos formulados entre o começo da década de 1970 e meados da década de 1980. Com base na documentação do governo dos Estados Unidos, procuramos compreender qual foi o lugar ocupado pelo esporte na política externa do governo cubano entre as décadas de 1970 e 1980, quando os dirigentes cubanos redefiniram a sua estratégia política no cenário internacional após o fracasso das tentativas de “exportar a revolução”.

A partir do final da década de 1960, Cuba apresenta uma inflexão na sua política externa e, por consequência, nas suas relações com outros países. A partir de então, o governo cubano iniciou uma busca por parceiros e aliados entre os governos de países do chamado Terceiro Mundo, sobretudo na América Latina e na África. Essa inflexão na política externa cubana foi objeto de registro e análise por parte de historiadores, cientistas sociais e demais pesquisadores que se debruçaram sobre a Revolução Cubana e procuraram *interrogá-la* (como gostam de dizer os historiadores) em relação ao período histórico que tem início ao final da década de 1960 e se estende pelas décadas seguintes. De acordo com Gott (2006, p. 303), o governo cubano abandonou progressivamente “o apoio público à luta guerrilheira na América Latina após a morte de Guevara em 1967”. O crescente isolamento internacional, o agravamento da situação

econômica e o fracasso das guerrilhas na América Latina contribuíram para que o governo cubano reformulasse a sua política externa a partir do final da década de 1960 (BANDEIRA, 1998, p. 587). Durante a década de 1960, a política externa do governo cubano em relação à África caracterizou-se por “laços flexíveis, informais e limitados” com “movimentos nacionalistas africanos, muito mais que junto aos governos independentes” (SEGAL apud EDMONDSON, 2011, p. 1039). A partir da década de 1970, as ligações entre Cuba e o Terceiro Mundo dar-se-iam através de relações entre Estados, e não através de vínculos com movimentos guerrilheiros (PÉREZ-STABLE, 1998, p. 211). Cuba iniciava então a sua busca diplomática por “novos amigos no Terceiro Mundo” (GOTT, 2006, p. 297). Segundo Fitzgerald (1978, p. 16-17), a década de 1970 foi um quadrante histórico marcado, no plano internacional, pela integração de Cuba junto ao bloco socialista e pelo aumento do comércio e do intercâmbio com países não-socialistas, principalmente com países da América Latina, da África e da Ásia, mas também com países da Europa Ocidental. De acordo com Le Riverend (1981, p. 73), a década de 1970 foi um período da história cubana marcado pela ruptura progressiva do bloqueio estadunidense mediante o restabelecimento de relações com países da América Latina e do Caribe, a ampliação das relações com a Ásia e a África, o ingresso no bloco socialista e a participação ativa no Movimento dos Países Não-Alinhados. Em 1977, Cuba já tinha relações diplomáticas com 25 países africanos, 12 dos quais possuíam embaixada em Havana (EDMONDSON, 2011, p. 1040). Ao final da década de 1970, Cuba tinha relações comerciais com mais de 80 países e possuía agências comerciais em 29 países (FITZGERALD, 1978, p. 18). A escolha de Fidel Castro como presidente do Movimento dos Países Não-Alinhados no ano de 1979 era sintomática “do seu prestígio político junto às forças afro-asiáticas dominantes, representadas neste grande fórum do Terceiro Mundo” (EDMONDSON, 2011, p. 1041). No começo da década de 1980, havia especialistas cubanos (civis e militares) em mais de 20 países da África, das Américas e da Ásia (DOMÍNGUEZ, 1991, p. 137).

Concomitantemente à implementação de uma nova política externa do governo cubano, houve uma intensificação do intercâmbio esportivo entre Cuba e países de diferentes partes do mundo. Na literatura acadêmica, encontramos autores que se debruçaram sobre o intercâmbio esportivo entre Cuba e diferentes países, bem como sobre a utilização do esporte pelo governo cubano para fins de política externa (PICKERING, 1978; SLACK & WHITSON, 1988; BUNCK, 1990; PETTAVINO & PYE, 1994). Para efetuar suas análises acerca das conexões entre esporte e política externa em Cuba, tais autores basearam-se na estatística oficial e/ou na imprensa cubana. Todavia, nenhum deles lidou com os documentos de inteligência do governo dos Estados Unidos. Durante a leitura dos documentos norte-americanos que fizeram menção às

mudanças na política externa cubana entre as décadas de 1970 e 1980, descobrimos que, do ponto de vista dos representantes e agentes da CIA, o esporte ocupava um lugar de destaque em meio ao conjunto de ações e iniciativas do Estado cubano para além de suas fronteiras nacionais, sobretudo em relação aos países do chamado Terceiro Mundo. Vejamos a seguir qual foi o papel desempenhado pelo esporte durante a implementação da nova política externa cubana.

Discussão e análise dos documentos

Após o fracasso do projeto cubano de fazer da cordilheira dos Andes a Sierra Maestra da América Latina, o governo revolucionário teve que repensar a sua política externa, colocando no centro de suas atenções o objetivo de estabelecer parcerias e intercâmbios com governos de países do Terceiro Mundo. No começo da década de 1970, surgem os primeiros documentos da CIA sobre a nova política externa cubana, pautada pela busca da ruptura do bloqueio econômico de Cuba mediante o estabelecimento de boas relações com governos constituídos em países do Terceiro Mundo, sobretudo na América Latina. No dia 28 de janeiro de 1972, a CIA publicou um relatório especial intitulado *Cuba's changing relations with Latin America*, onde consta uma tabela intitulada “Contatos cubanos com a América Latina desde 1968” (UNITED STATES, 1972b, p. 4). Nessa tabela, há uma lista dos tipos de intercâmbio, relação, acordo ou contato entre Cuba e os demais países da América Latina, o que incluía o envio e o recebimento de equipes esportivas. Colômbia, México e Panamá foram listados pela CIA como países latino-americanos que receberam equipes esportivas vindas de Cuba. Chile, Colômbia, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá e República Dominicana integram a lista de países latino-americanos que enviaram delegações esportivas para Cuba. O relatório registra que equipes esportivas de Cuba e Panamá “trocaram visitas” após a ascensão do general Omar Torrijos à posição de chefe de Estado no Panamá, no ano de 1968 (UNITED STATES, 1972b, p. 6). Referindo-se ao ano de 1971, o relatório afirma que o bom desempenho dos atletas cubanos naquele ano havia sido uma das “vantagens adicionais para Castro e sua política” em relação à América Latina; segundo consta no referido relatório, “Cuba ganhou uma atenção hemisférica com as façanhas dos seus atletas durante os VI Jogos Pan-Americanos de Cali², Colômbia”, o que teria favorecido a aproximação entre Cuba e os demais países latino-americanos, impressionados pelo desenvolvimento do esporte cubano após a Revolução (UNITED STATES, 1972b, p. 6). Por fim, o desfecho do relatório de janeiro de 1972 contém o seguinte prognóstico, que tangencia o lugar do esporte na política externa cubana:

Assim como para outros países latino-americanos, Cuba provavelmente continuará seus esforços para desenvolver relações próximas com as nações que considerar “aceitáveis”, termo que já se provou flexível. Esses esforços provavelmente tomarão a forma de intercâmbios de equipes esportivas, grupos culturais, e delegações técnicas e científicas. Esses contatos provavelmente serão seguidos de atrativas ofertas comerciais cubanas, que podem ser ampliadas até que somente falem relações diplomáticas formais (UNITED STATES, 1972b, p. 8).

Aos olhos da CIA, o intercâmbio esportivo prefigurava o estabelecimento de acordos comerciais e de relações diplomáticas formais entre Cuba e outros países latino-americanos. A mudança na política externa cubana em relação à América Latina foi objeto de registro em uma espécie de “informe diário” (*daily brief*) formulado pela CIA no dia 28 de janeiro de 1972 para uso exclusivo do presidente: devido aos “repetidos fracassos das tentativas anteriores de Cuba de fomentar a subversão e a insurreição”, Fidel Castro abandonara “a sua tática agressiva em relação à América Latina” e parecia estar “engajado em uma busca mais convencional por laços políticos e econômicos com países selecionados na região” (UNITED STATES, 1972c, p. A1). Nesse documento, consta que, entre os esforços do governo cubano no sentido de se relacionar com os governos de outros países latino-americanos, “a maioria das ações de Castro” tinha “tomado a forma de intercâmbio de equipes atléticas, grupos culturais e delegações agrícolas”, ações que “provavelmente” continuariam sendo “a pedra angular de seus esforços” no âmbito da política externa (UNITED STATES, 1972c, p. A2).

Ainda em janeiro de 1972, em um memorando de inteligência da CIA intitulado *Warming in relations between Panama and Cuba*, encontramos uma menção ao intercâmbio esportivo entre cubanos e panamenhos no início da década de 1970. Nesse memorando de inteligência, que foi parcialmente publicado em fevereiro de 2011, consta que o governo panamenho havia tomado a iniciativa de estreitar relações e contatos com Cuba, devido a três razões específicas: a “crescente postura esquerdista do governo Torrijo”; o “nacionalismo de Torrijo” que se desenvolvia segundo “linhas anti-Estados Unidos”; e a obtenção de “apoio internacional às demandas do Panamá por um novo tratado do canal” (UNITED STATES, 1972a, p. 1). Para a CIA, o esporte ocupava um lugar de destaque nesse processo de estreitamento das relações entre Cuba e Panamá:

Até recentemente, a administração de Torrijo concentrou-se principalmente nos contatos esportivos e culturais com Cuba. Equipes panamenhas foram transportadas para Cuba pela Força Aérea do Panamá, e equipes cubanas foram regularmente recebidas no Panamá. [...] Ultimamente, o Panamá tomou a iniciativa de aumentar os contatos (UNITED STATES, 1972a, p. 4).

Em um boletim de inteligência do dia 17 de julho de 1972, intitulado *Cuba's changing relations with Latin America*, nota-se mais uma vez que a CIA endossava a opinião de que o intercâmbio de equipes esportivas fazia parte da estratégia adotada pelo governo cubano desde 1968 com o objetivo de romper o isolamento de Cuba dentro continente americano (UNITED STATES, 1972d, p. 6-7).

Em outro documento secreto do governo estadunidense, datado de 9 de março de 1973, encontramos uma menção ao esporte enquanto componente da política externa cubana. Trata-se de um relatório especial da CIA intitulado *Cuba's diplomatic gains*, em que os serviços de inteligência dos Estados Unidos registraram as suas análises a respeito dos êxitos da política externa cubana entre 1968 e 1972. Em linhas gerais, o relatório reconhece tanto os “êxitos diplomáticos” do governo cubano no sentido de “estabelecer relações normais com outras nações”, quanto a “crescente participação de Havana nos assuntos internacionais” (UNITED STATES, 1973a, p. 2). Durante o ano de 1972, a “atividade cubana no Terceiro Mundo aumentou consideravelmente”, sobretudo na América Latina, mas também na África e no Oriente Médio (UNITED STATES, 1973a, p. 5). “Delegações culturais, atléticas e técnicas” de Cuba “visitaram cerca de 11 nações latino-americanas” durante esse mesmo ano (UNITED STATES, 1973a, p. 5). Segundo as informações que constam em uma tabela sobre os contatos entre Cuba e demais países latino-americanos desde 1968, um total de dez países latino-americanos haviam recebido a visita de atletas cubanos e também haviam enviado atletas de seus respectivos países para Cuba, a saber: Chile, Colômbia, Costa Rica, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Peru, República Dominicana e Venezuela (UNITED STATES, 1973a, p. 4).

O relatório de 1973 registra um avanço em relação ao relatório de 1972, quando apenas três países haviam enviado equipes esportivas para Cuba e recebido a visita de equipes cubanas, dentre sete países latino-americanos haviam tido algum contato ou intercâmbio esportivo com Cuba. De 1972 para 1973, a documentação norte-americana registrou a ampliação do intercâmbio esportivo entre Cuba e Chile: no relatório de 1972, consta que o Chile havia enviado esportistas para Cuba, enquanto que, no relatório de 1973, consta que Cuba também havia enviado esportistas para o Chile. Em março de 1973, entre os países latino-americanos, apenas Chile e Peru haviam estabelecido todas as formas de contato, relação e intercâmbio com Cuba listadas pela CIA (UNITED STATES, 1973a, p. 4).

Imagem 1 - O aperto de mãos entre o presidente chileno Salvador Allende (à esquerda) e Jorge García Bango³ (à direita), então diretor-geral de esportes em Cuba



Fonte: Salón del Deporte Cubano (SDC).

No ano de 1979, cerca de um mês depois da vitória da revolução sandinista, o governo cubano começou a enviar especialistas e técnicos para a Nicarágua (UNITED STATES, 1985, p. iii). Entre 1979 e 1980, o governo cubano enviou 19 especialistas esportivos para a Nicarágua; entre 1981 e 1985, o número de treinadores cubanos na Nicarágua aumentou para 181 (PETTAVINO & PYE, 1994, p. 77). No ano de 1983, por exemplo, a Nicarágua contou com a presença de 55 especialistas esportivos cubanos, sendo oito professores de educação física e 47 técnicos em diferentes modalidades, a saber: atletismo, basquetebol, beisebol, boxe, ciclismo, futebol, levantamento de peso, natação, voleibol, tênis de mesa e xadrez (SALMERÓN, 1983, p. 8). Segundo um documento da CIA sobre a política externa do governo cubano em relação aos países do Leste do Caribe, antes mesmo da conquista do poder de Estado em Granada pelo movimento revolucionário liderado por Maurice Bishop, o líder granadino já havia visitado Cuba em maio de 1977 quando “expressou particular interesse pelos programas cubanos de saúde pública, moradia, educação, esportes, agricultura e pesca” (UNITED STATES, 1979a, p. 5). À semelhança da Nicarágua e de outros países, Granada estabeleceu programas de intercâmbio esportivo com Cuba (PETTAVINO & PYE, 1994, p. 150).

Segundo o boletim da CIA de julho de 1972, citado anteriormente, além das várias derrotas sofridas por organizações insurgentes e movimentos guerrilheiros que atuavam na América Latina durante a década de 1960, o governo cubano havia abandonado o apoio sistemático à insurgência no Terceiro Mundo por mais duas razões: “o alto custo das atividades subversivas” e a “pressão soviética” (UNITED STATES, 1972d, p. 6). Diferentemente dos documentos citados anteriormente, o boletim de julho de 1972 registrou um importante aspecto da política externa adotada pelo governo cubano a partir do começo da década de 1970: o aprofundamento e a intensificação das relações entre Cuba e União Soviética. Vejamos, a partir de agora, qual foi o lugar ocupado pelo esporte nas relações entre Cuba, União Soviética e demais países socialistas do Leste europeu.

Em julho de 1972, Cuba ingressou formalmente no bloco socialista liderado pela União Soviética, país com o qual o governo cubano firmou vários acordos econômicos que foram discutidos durante a segunda metade de 1972 e anunciados em janeiro de 1973 (FITZGERALD, 1978, p. 14; LE RIVEREND, 1981, p. 73; PÉREZ-STABLE, 1998, p. 150-151; GOT'T, 2006, p. 275). Ainda durante o ano de 1972, representantes de Cuba e União Soviética assinaram um acordo quinquenal de intercâmbio esportivo entre os dois países (RIORDAN, 1974, p. 337). Segundo informações registradas pela documentação do governo norte-americano, quando foi selado o acordo quinquenal de intercâmbio esportivo entre Cuba e União Soviética, o então diretor-geral de esportes Jorge García Bango integrava a direção da Associação pela Amizade Cubano-Soviética (AACS) desde a sua fundação, no dia 22 de abril de 1969 (UNITED STATES, 1971, p. 1695; 1973b, p. 480-482). Por um lado, a criação da AACS e de outras associações correlatas era sintomática da nova política externa implementada pelo governo cubano. Por outro lado, a presença do diretor-geral de esportes como membro-fundador da AACS era sintomática do lugar ocupado pelo esporte nesse processo de ampliação e intensificação das relações cubano-soviéticas que culminou na entrada de Cuba no bloco socialista.

Em um documento datado de 15 de outubro de 1971 e formulado para uso interno pelo subcomitê de segurança interna do Senado dos Estados Unidos, encontramos os depoimentos de três membros da delegação cubana que desertaram durante os Jogos Pan-Americanos de Cali (1971), dois dos quais fizeram referências ao intercâmbio esportivo entre Cuba e os países socialistas. Em seus depoimentos ao Senado norte-americano, o esgrimista José Díaz e o ciclista Juan Díaz afirmaram que praticamente todas as equipes cubanas (à exceção do beisebol) eram treinadas e supervisionadas por técnicos esportivos oriundos de países socialistas (UNITED STATES, 1971, p. 1694-1695, 1702). Ademais, ambos os esportistas cubanos alegaram ter viajado para outros países socialistas, com o objetivo de participar de treinos e competições. Vejamos o

seguinte depoimento de José Díaz, de 21 anos, que já havia visitado a União Soviética por três vezes: “o que nós sabemos sobre a Rússia era da nossa própria experiência das nossas viagens”, o que ocorria “muito frequentemente” (UNITED STATES, 1971, p. 1694). As viagens eram feitas pela empresa *Cubana de Aviación* até a Tchecoslováquia e, a partir de lá, para outros países socialistas (UNITED STATES, 1971, p. 1694). Ainda segundo José Díaz, os treinadores estrangeiros em Cuba não se envolviam em polêmicas de natureza política nas conversas com os atletas cubanos, nem procuravam doutriná-los à soviética: “sempre que havia uma discussão sobre uma brochura ou qualquer tipo de discussão, eles concordavam com os nossos líderes” (UNITED STATES, 1971, p. 1965). Uma vez no exterior, a rotina dos atletas cubanos se resumia a atividades de natureza esportiva, sem qualquer tentativa no sentido de educá-los politicamente: “Politicamente, eles não tentavam nos ensinar” (UNITED STATES, 1971, p. 1694). Por sua vez, Juan Díaz, de 28 anos, afirmou ter viajado várias vezes para Alemanha Oriental, Polônia e Tchecoslováquia entre os anos de 1967 e 1969 (UNITED STATES, 1971, p. 1700-1701). Quando perguntado sobre as razões que levaram Cuba a procurar pela cooperação de treinadores do Leste europeu, Juan Díaz alegou razões de ordem puramente técnica: “Porque a técnica dos esportes, principalmente na América Latina, não é muito boa, é melhor na Europa do que na América Latina, e eles trazem esses técnicos nesses esportes específicos” (UNITED STATES, 1971, p. 1702). Mais ainda, Juan Díaz afirmou que, em geral, os atletas cubanos não gostavam do “sistema de treinamento europeu”, embora ele particularmente acreditasse que aquele sistema de treinamento era “o melhor” porque isto estava sendo “comprovado” nas competições (UNITED STATES, 1971, p. 1702).

Durante as décadas de 1970 e 1980, o esporte tornou-se um importante componente da política externa cubana em relação aos países africanos. O lugar do esporte nas relações entre Cuba e os países africanos também foi registrado em alguns documentos da CIA referentes ao período. Um relatório da CIA publicado em 1973 sobre os “ganhos diplomáticos” do governo cubano revelou que, desde o começo da década de 1970, “Cuba estava conduzindo modestos programas de ajuda na África”, os quais “aumentaram o prestígio de Cuba” e “fortaleceram a posição de Castro entre os líderes do Terceiro Mundo” (UNITED STATES, 1973a, p. 5). Tais programas de ajuda promovidos na África a partir de Havana – que incluíam a assistência e a capacitação técnica no âmbito dos esportes – dariam o tom da política externa cubana em relação aos países do Terceiro Mundo durante as décadas seguintes, como veremos a partir de agora.

Em um artigo “ultrassegredo” (*top secret*) intitulado *Cuba: molding revolutionary spirit on the Isle of Youth*, datado de 23 novembro de 1979 e aprovado para publicação no dia 18 de abril de 2004, os analistas da CIA registraram um aspecto do programa cubano de ajuda aos países africanos

que não havia sido mencionado nos documentos norte-americanos citados anteriormente: a ajuda aos países africanos compreendia não apenas o envio de especialistas e técnicos cubanos para a África, mas também a vinda de jovens africanos para estudar na Ilha da Juventude, à sudoeste de Cuba. Naquele momento, ao final da década de 1970, havia “vários milhares de africanos e 600 nicaraguenses” frequentando as escolas da Ilha da Juventude e participando do programa de “treinamento educacional e ideológico” chamado de “programa de trabalho-estudo” (*work-study program*), cujo currículo “rigoroso” e “controlado” incluía “estudos básicos, doutrinação política, esportes e trabalho nos pomares de frutas cítricas” (UNITED STATES, 1979b, p. 1). Segundo o referido artigo da CIA, o “programa de trabalho-estudo” parecia “central para a estratégia de Castro para o Terceiro Mundo, visto que os graduados estrangeiros retornarão para seus países como técnicos e professores carregando a mensagem socialista de Havana” (UNITED STATES, 1979b, p. 2). Outrossim, a renovação dos “acordos educacionais” de Cuba com Angola, Etiópia e Moçambique – países africanos “que requereram o aumento da ajuda cubana” – era vista pela CIA como um “indicativo” de que o programa cubano teria uma existência longa, configurando uma “política de longo prazo” do governo cubano (UNITED STATES, 1979b, p. 2).

Em outro documento da CIA, datado de 3 de novembro de 1980 e aprovado para publicação no dia 18 de abril de 2008, encontramos mais informações, registros e detalhamentos sobre o lugar do esporte na política externa cubana em relação aos países do Terceiro Mundo, sobretudo em relação ao continente africano; estamos falando do documento intitulado *Cuba: educating future Third World leaders*, classificado como “ultrassegredo” (*top secret*). Nesse documento, os analistas da CIA afirmam que o programa cubano de concessão de bolsas de estudo para estudantes estrangeiros era “uma parte importante da campanha do regime de Castro por influência sobre o Terceiro Mundo”; como resultado desse “programa massivo”, o governo cubano conseguia “educar cerca de 20.000 alunos estrangeiros em escolas primárias e secundárias na Ilha da Juventude” e dar formação universitária a “mais de 6.000 estudantes estrangeiros”, além dos “vários milhares mais” que estavam “sendo preparados em assuntos militares, vocacionais e de liderança” (UNITED STATES, 1980, p. 1). Esse programa cubano de bolsas de estudo para estudantes estrangeiros abrangia um conjunto de sete opções de formação, que eram os “sete programas básicos destinados a representar por completo o espectro de necessidades dos países em desenvolvimento”, quais sejam: 1) “acadêmico-educacional”; 2) “militar-segurança”; 3) “técnico-econômico”; 4) “saúde”; 5) “organizações de massa-ideologia”; 6) “serviço exterior”; 7) “cultural-esportes” (United States, 1980, p. 4-6). Além de enviar “instrutores esportivos para muitos países”, o governo cubano recebia estudantes estrangeiros (sobretudo africanos e

caribenhos) para “instrução” em assuntos esportivos, “principalmente em administração esportiva e desenvolvimento da recreação” (UNITED STATES, 1980, p. 6). A existência de um programa massivo de formação esportiva para estudantes estrangeiros – os “futuros líderes do Terceiro Mundo”, como diz o título do documento da CIA – é algo de grande interesse para a presente análise sobre os nexos históricos entre o esporte e a política externa em Cuba. Embora inicialmente não fosse grande a quantidade de estudantes estrangeiros “envolvidos em estudos sobre desenvolvimento dos esportes e intercâmbio cultural”, esses programas de formação esportiva estavam “crescendo rapidamente” devido ao bom desempenho dos atletas cubanos nos Jogos Olímpicos de Montreal (1976)⁴ (UNITED STATES, 1980, p. 6). Estimulado pela “performance altamente bem-sucedida nas Olimpíadas de 1976”, o governo cubano vinha aumentando “dramaticamente suas bolsas de estudo em estudos esportivos” (UNITED STATES, 1980, p. 6).

Imagem 2 - Jorge García Bango (sentado, à esquerda) e Fidel Castro conversando com Alberto Juantorena (agachado, à direita), medalhista de ouro nos 400 metros e nos 800 metros nas Olimpíadas de Montreal (1976)



Fonte: <http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/node/48372>

Datado de novembro de 1984 e aprovado para publicação em julho de 2003, o documento da CIA intitulado *Cuba: el aparato de propaganda de Castro y la política exterior*, contém registros e informações sobre o esporte como objeto de propaganda no exterior por parte do governo cubano. Segundo o ponto de vista sustentado nesse documento da CIA, o esporte era

um importante componente da propaganda estatal cubana, vista pelo próprio Fidel Castro como “uma das armas mais poderosas no arsenal de sua política externa” (UNITED STATES, 1984, p. 1). Mais adiante, o documento “restrito” de novembro de 1984 apresenta o seguinte enunciado, relativo ao lugar do esporte na política externa de Cuba: “Os atletas [...] estabelecem laços com o ‘mundo exterior’, ganham respeito internacional para Cuba, abrem caminho para mais contatos e ajudam a vencer o isolamento do regime de Castro” (UNITED STATES, 1984, p. 21). A busca por medalhas nas competições internacionais tornara-se uma “prioridade” do governo cubano na medida em que os cubanos se deram “conta de que o país que domina estes extravagantes espetáculos atléticos geralmente recebe maior atenção na imprensa” (UNITED STATES, 1984, p. 21). Ainda sobre a ligação entre esporte e política externa em Cuba, o documento em questão sublinha que “equipes esportivas e atletas cubanos” eram enviados ao exterior como “embaixadores da boa vontade”, mas também como “evidência da suposta superioridade do sistema cubano” (UNITED STATES, 1984, p. 20).

O programa cubano de ajuda ao Terceiro Mundo foi o assunto central de outro documento de meados da década de 1980, no qual encontramos uma menção ao esporte. Estamos falando de um “artigo de pesquisa” (*research paper*) intitulado *Castro's reach into the Third World: the Cuban economic assistance program*, datado de maio de 1985. Nesse documento, que foi aprovado para publicação em janeiro de 2010, encontramos um registro do aumento do número de especialistas cubanos no exterior desde meados da década de 1970 até meados da década de 1980: em 1975, Cuba tinha 1.500 especialistas em 11 países; seis anos depois, em 1981, eram 23.000 técnicos cubanos operando em 28 países; em 1985, a estimativa era de quase 27.000 especialistas cubanos enviados para 32 “países não-comunistas” através do programa cubano de ajuda ao Terceiro Mundo (UNITED STATES, 1985, p. 2). À semelhança dos demais especialistas cubanos no exterior, os técnicos esportivos eram custeados pelo país anfitrião, que deveria arcar com a viagem e a estadia dos cubanos (UNITED STATES, 1985, p. iii). Dentre os países citados no referido documento, Zaire e Zimbábue constam como países aos quais Cuba havia oferecido uma ajuda material que incluía, dentre outras coisas, a construção de “complexos esportivos” (UNITED STATES, 1985, p. 16). Para a construção de infraestrutura esportiva no exterior, assim como para as demais obras de infraestrutura, o governo cubano doava o cimento, além de outros bens e materiais aos países que participavam do programa cubano de ajuda exterior em meados da década de 1980 (UNITED STATES, 1985, p. 9).

Conclusões

Vimos que, entre as décadas de 1970 e 1980, a nova política externa cubana abarcou o intercâmbio esportivo com países da África, da América Latina, da Ásia, do bloco socialista e do Caribe. Outrossim, as formas de intercâmbio esportivo estabelecidas por Cuba variaram conforme o país ou o grupo de países. Senão, vejamos...

Vimos que, durante a primeira metade da década de 1970, a presença de treinadores estrangeiros em Cuba aumentou consideravelmente. Todavia, a presença de especialistas esportivos do bloco socialista já não era uma novidade em Cuba: em março de 1962, representantes de Cuba e União Soviética assinaram em Moscou um pacto de colaboração no âmbito dos esportes, da saúde pública, da educação, da cultura, da ciência e da radiodifusão (VALENTIN, 2021, p. 312). Durante toda a década de 1960, Cuba manteve intercâmbio esportivo com sete países socialistas europeus, além de China e Coreia do Norte (PICKERING, 1978, p. 155). Em todo caso, nos primeiros anos da década de 1970, houve um aumento do número de especialistas esportivos oriundos de países socialistas atuando em Cuba. O intercâmbio esportivo com os países do bloco socialista proporcionou aos esportistas cubanos o acesso a novas formas de treinamento e de preparação física, o acesso a novas técnicas e estratégias nos diferentes esportes, o acesso à tecnologia esportiva de ponta e, principalmente, a presença massiva de treinadores estrangeiros em quase todas as modalidades esportivas, à exceção do beisebol. A presença de especialistas estrangeiros proporcionou ao esporte cubano uma melhoria progressiva no nível de excelência técnica em diferentes modalidades esportivas.

Os primeiros contatos esportivos de Cuba socialista com os países da América Latina e do Caribe se deram entre o final da década de 1960 e o começo da década de 1970, com a ascensão de indivíduos e grupos políticos de esquerda aos governos de tais países. Foram os casos de Chile, Colômbia, Costa Rica, Jamaica, México, Nicarágua (antes mesmo da revolução sandinista), Panamá, Peru, República Dominicana e Venezuela. O intercâmbio esportivo entre Chile e Cuba ocorreu durante a presidência de Salvador Allende à frente do governo chileno no começo da década de 1970, quando ambos os países restabeleceram as suas relações diplomáticas e econômicas e firmaram acordos bilaterais que determinaram formas regulares de intercâmbio entre chilenos e cubanos, o que ajudou o governo cubano a superar, progressivamente, o isolamento de Cuba no cenário internacional (PÉREZ-STABLE, 1998, p. 250; GOTT, 2006, p. 281-282). À semelhança do que ocorreu com o Chile, o intercâmbio esportivo entre Cuba e Peru ocorreu precisamente após a visita de Fidel Castro ao general Juan Velasco em Lima no final de 1971, quando o governante peruano empreendia a reforma agrária, a nacionalização da indústria

petrolífera estrangeira e o restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais com Cuba e União Soviética (BANDEIRA, 1998, p. 590; GOTT, 2006, p. 282). O intercâmbio esportivo de Cuba com os países latino-americanos e/ou caribenhos consistia em enviar e receber delegações esportivas, seja para a realização de competições amistosas, seja para a realização de cursos de curta duração, visando a capacitação técnica de atletas e treinadores. Alguns países latino-americanos e/ou caribenhos foram contemplados pela ajuda cubana através do provimento de infraestrutura esportiva, sobretudo a Jamaica, onde os cubanos construíram várias instalações esportivas, uma das quais gratuitamente (PETTAVINO & PYE, 1994, p. 236). A nova abertura cubana para o continente americano proporcionou aos esportistas cubanos a oportunidade de participar regularmente de todas as competições centro-americanas e pan-americanas realizadas durante o período, anulando qualquer possibilidade de boicote por parte dos países-sede de tais competições, diferentemente do que ocorrera durante a primeira metade da década de 1960 (VALENTIN, 2023, p. 106-107). Essa reaproximação entre Cuba e América Latina seria abalada por uma série de golpes de Estado em alguns países, tais como Argentina, Bolívia, Chile e Peru, por exemplo (BANDEIRA, 1998, p. 590-591). Anos mais tarde, no final da década de 1970, a ascensão de outros governos de esquerda na América Latina e no Caribe propiciou a retomada da política cubana de busca pelo estabelecimento de relações com governos de países latino-americanos e caribenhos, sobretudo Granada e Nicarágua (PÉREZ-STABLE, 1998, p. 254; GOTT, 2006, p. 304-305). A julgar pela literatura acadêmica e pelas descobertas e análises que realizamos junto aos documentos da CIA, o intercâmbio esportivo de Cuba com Nicarágua e Granada após 1979 seguiu as mesmas linhas da assistência esportiva cubana aos países africanos.

O intercâmbio esportivo de Cuba com os países africanos foi particularmente intenso desde a segunda metade da década de 1970, após a primeira onda de revoluções de libertação nacional na África. Entre meados da década de 1970 e a primeira metade da década de 1980, ocorreram 14 revoluções no Terceiro Mundo, precisamente quando o “Chifre da África” se tornava o “ponto quente da Guerra Fria” (VISENTINI, 2016, p. 111-112). Vários dos processos de independência ocorridos na África foram encabeçados por lideranças e organizações políticas que se reivindicavam socialistas de inspiração marxista-leninista (HOBSBAWM, 1995, p. 422-423; VISENTINI, 2016, p. 118). Segundo Bandeira (1998, p. 597-598), os sucessos militares em Angola e Etiópia abriram caminho para o envio de técnicos e especialistas cubanos em diferentes áreas de atuação “não apenas para Angola e Etiópia como para os mais diversos países do Terceiro Mundo”, o que proporcionou a Cuba um “novo *status* internacional”. Além de enviar militares para a África, o governo cubano também “enviava médicos, treinadores esportivos e professores”, o que proporcionou um “imenso prestígio a Cuba no Terceiro Mundo” (GOTT,

2006, p. 297). Segundo Pérez-Stable (1998, p. 211), tanto as novas realidades da África quanto o internacionalismo cubano criaram condições propícias para a efetivação de uma nova política externa cubana junto aos países africanos, que, conforme observamos neste artigo, incluía a assistência esportiva. O ciclo de revoluções africanas e a concomitante descolonização da África nas décadas de 1970 e 1980 levaram à construção de Estados nacionais cujos quadros técnicos e administrativos foram formados, em grande medida, sob a influência cubana, inclusive os ministros e secretários de esporte, uma vez que a administração esportiva foi um dos assuntos mais procurados pelos estudantes estrangeiros que frequentavam o programa cubano de formação esportiva. Nas décadas de 1970 e 1980, as relações entre Cuba e África no âmbito do esporte consistiam no envio de treinadores e técnicos esportivos cubanos, na construção de espaços esportivos em território africano, e no recebimento de estudantes africanos em território cubano para a formação especializada em educação física e esportes.

Ao longo do presente artigo, vimos que a reaproximação entre Cuba e o Terceiro Mundo a partir da década de 1970 foi algo que se deu não apenas como resultado do alinhamento político e ideológico entre o governo cubano e os governos de tais países, mas também porque o crescente êxito dos atletas cubanos nas competições internacionais estimulou a busca terceiro-mundista pela assistência esportiva cubana. Vimos também que, entre as décadas de 1970 e 1980, o governo cubano valeu-se da estratégia de tirar proveito das vitórias no esporte para fazer propaganda acerca das vantagens do socialismo, sob a perspectiva de conquistar respeito no exterior, atrair parceiros e, assim, romper o isolamento político e econômico do país. Em seu discurso sobre o programa *Deporte para todos*, pronunciado em maio de 1972, o então presidente chileno Salvador Allende legitimou o intercâmbio esportivo entre Cuba e Chile com base no sucesso dos atletas cubanos:

¿Por qué países pequeños, por ejemplo (y por eso hemos buscado y reitero mi agradecimiento a la cooperación de Cuba), por qué países pequeños como Cuba han tenido éxitos sorprendentes, extraordinarios, en el campo de la competencia internacional, enfrentándose a países mucho más poderosos, mucho más ricos, con mucha más población? Porque la revolución hizo posible el deporte para las masas. Porque la revolución hizo posible que la juventud se preocupara de la educación física y del deporte (ALLENDE, 2008, p. 371).

Segundo a retórica do presidente chileno, era preciso copiar o sistema esportivo cubano para chegar aos mesmos bons resultados nas competições internacionais. Dois anos depois, Fidel Castro teria afirmado publicamente que uma das coisas que os seus vizinhos latino-americanos mais admiravam em Cuba era o bom desempenho dos seus atletas (BUNCK, 1990, p. 126). Através da pesquisa junto à documentação norte-americana, concluímos que a coincidência

histórica entre o sucesso dos atletas cubanos e as transformações políticas no Terceiro Mundo foi determinante para a emolduração do intercâmbio esportivo como parte integrante da nova política externa cubana entre as décadas de 1970 e 1980.

Referências:

- ALLENDE, Salvador. Deporte para todos. In: **Salvador Allende. Pensamiento y acción**. Brasília: FLACSO/CLACSO, 2008. p. 368-373. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/coediciones/20100828023715/69depo.pdf>
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- BUNCK, Julie Marie. The politics of sports in revolutionary Cuba. **Cuban Studies**, v. 20, p. 111-131, 1990.
- DOMÍNGUEZ, Jorge. Limitaciones y consecuencias de las políticas militares cubanas en África. In: IICLA (Org.). **Cuba, 1959-1991: evaluando el castrato**. Tijuana: Revista Occidental, 1991. p. 137-178.
- EDMONDSON, Leonard. A África e as regiões em vias de desenvolvimento. In: MAZRUI, Ali Al'amin; WONDJI, Christophe. (Orgs.). **África desde 1935**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. p. 1003-1052.
- FITZGERALD, Frank. A critique of the "Sovietization of Cuba" thesis. **Science & Society**, v. 42, n. 1, p. 1-32, 1978.
- GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LE RIVEREND, Julio. Cuba: del semicolonialismo al socialismo (1933-1975). In: CASANOVA, Gonzalez (Org.). **América Latina: historia de medio siglo**. Cidade do México: Siglo XXI, 1981. p. 39-85.
- PÉREZ-STABLE, Marifeli. **La revolución cubana: orígenes, desarrollo y legado**. Madri: Editorial Colibrí, 1998.
- PETTAVINO, Paula; PYE, Geralyn. **Sport in Cuba: the diamond in the rough**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1994.
- PICKERING, Ron. Cuba. In: RIORDAN, James (Org.). **Sport under communism**. Canberra: Australian University Press, 1978. p. 141-174.
- RIORDAN, James. Soviet sport and Soviet foreign policy. **Soviet Studies**, v. 26, n. 3, p. 322-343, 1974.
- SALMERÓN, José Luís. Ayer y hoy del deporte nicaragüense. **El Deporte**, Havana, n. 158, p. 6-9, 30 set. 1983.
- SLACK, Trevor; WHITSON, David. The place of sport in Cuba's foreign relations. **International Journal**, v. 43, n. 4, p. 596-617, 1988.
- UNITED STATES. Congress. Senate. Committee on the Judiciary. **Communist threat to the United States through the Caribbean**. Washington: U.S. Government Printing Office. v. 25. out. 1971. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=_IaMI0iaBSsC&hl=pt&pg=GBS.PA1683. Acesso em: 10. mar. 2020.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Warming in relations between Panama and Cuba.** 18 jan. 1972a. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/LOC-HAK-20-1-7-0.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2022.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Cuba's changing relations with Latin America.** 28 jan. 1972b. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP85T00875R001500040004-4.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2023.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **The President's Daily Brief.** 28 jan. 1972c. Disponível em: https://www.cia.gov/readingroom/docs/DOC_0005993107.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Central Intelligence Bulletin.** 17 jul. 1972d. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP79T00975A022300090001-4.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2023.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Cuba's diplomatic gains.** 9 mar. 1973a. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP85T00875R001500050012-4.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Directory of personalities of the Cuban government, official organizations, and mass organizations.** abr. 1973b. Disponível em: <http://www.latinamericanstudies.org/book/Cuba-directory-1973.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2020.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Cuban involvement in the Eastern Caribbean.** 4 abr. 1979a. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP80T00942A000900050001-0.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2022.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Cuba: molding revolutionary spirit on the Isle of Youth.** 29 abr. 1979b. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP91B00135R000500820067-5.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2022.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Cuba: educating future Third World leaders.** 29 abr. 1980. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP91B00135R000500820066-6.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Cuba: el aparato de propaganda de Castro y la política exterior.** nov. 1984. Disponível em: https://www.cia.gov/readingroom/docs/DOC_0000972184.pdf. Acesso em: 29 mar. 2020.

UNITED STATES. Central Intelligence Agency. **Castro's reach into the Third World: the Cuban economic assistance program.** mai. 1985. Disponível em: <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP86T00586R000300410004-9.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2023.

VALENTIN, Renato Beschizza. As políticas públicas de esporte e a transição para o socialismo em Cuba (1959-1965). **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 21, n. 30, p. 288-323, 2021.

VALENTIN, Renato Beschizza. O que os “arquivos do imperialismo” nos ensinam sobre o fenômeno da deserção de atletas cubanos durante a Guerra Fria. **Lua Nova**, n. 118, p. 101-128, 2023.

VISENTINI, Paulo Fagundes. Revoluções e relações internacionais: o caso africano. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**, v. 1, n. 1, p. 111-129, 2016.

Notas:

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Atualmente, atua como professor substituto junto ao Departamento de Psicologia Social da UNESP, campus de Assis (SP). E-mail: orenatobeschizza@gmail.com / <https://orcid.org/0000-0003-0521-8474>

² Nos Jogos Pan-Americanos de Cali (1971), Cuba obteve um inédito segundo lugar no *ranking* da competição. Informações disponíveis em: <https://www.inder.gob.cu/Estadisticas>.

³ Jorge García Bango foi diretor-geral de esportes em Cuba entre janeiro de 1967 e março de 1980, tendo sido o dirigente que permaneceu mais tempo à frente do *Instituto Nacional de Deportes, Educación Física y Recreación* (INDER).

⁴ Nas Olimpíadas de Montreal (1976), Cuba obteve uma inédita oitava colocação no *ranking*. Informações disponíveis em: <https://www.inder.gob.cu/estadisticas>.